

Acertologia e Errologia do Líder: autoanálise no desenvolvimento do autoepicentrismo

Marco Antônio Facury, engenheiro e educador financeiro;
voluntário e docente da Associação ARACÊ; marco@arace.org

Introdução

Assumir-se enquanto líder pode ser natural para muitos e um esforço para outros. Para a conscin intermissivista, tal condição acaba sendo um misto: somos líderes natos, mas, talvez pelo histórico pluriexistencial ou questões de autoimagem, torna-se um fardo, especialmente por querermos evitar erros já cometidos no passado, mesmo que não rememorados, ou ainda por não querermos manchar nossa autoimagem, geralmente idealizada.

No entanto, no processo evolutivo, a esquiva de determinadas experiências nos priva do aprendizado necessário à superação de imaturidades, recuperação de cons, ampliação da cosmovisão e qualificação da capacidade interassistencial.

Na pesquisa científica, e também na autopesquisa, os erros e os resultados diferentes do esperado podem ser fontes de neopesquisas, sendo necessária a maturidade por parte do pesquisador para encarar tais ocorrências de modo a compreender melhor o contexto e a si mesmo. É esta maturidade que possibilita a conscin aplicar na prática o binômio autoimperdoamento-heteroperdoamento frente aos erros próprios e de outrem, sem cair na autovitimização, terceirização, nem na cobrança.

“O binômio autoimperdoador-heteroperdoador é a vivência lúcida da conscin, homem ou mulher, em nível de autoconsciencialidade e autodisciplina incapaz de se perdoar, relevar, desculpar ou ser clemente com os próprios enganos, equívocos ou omissões deficitárias em contraponto à condição de sobrepairar e sobrelevar, sem acumpliciamento, erro ou falta cometida por outrem, consolidando postura interassistencial cosmoética” (NASCIMENTO, 2019).

Neste sentido, a motivação para desenvolver este estudo na condição de conscin-cobaia foi especialmente no sentido de desdramatizar o processo natural do binômio acerto-erro no desempenho de qualquer função, em especial de liderança, facilitando aos compassageiros evolutivos a autoexperimentação do laboratório prático do epicentrismo consciencial, independente de ocupar alguma liderança formal.

Além disso, outra motivação é o ganho pessoal ao se fazer este balanço auto e heterocrítico quanto à experiência no exercício da liderança.

O objetivo deste trabalho é analisar erros e acertos nas abordagens interconscienciais e contextuais autovivenciados no exercício da liderança – formal ou não. Apesar de todo o processo de autopesquisa envolver a atuação pessoal em atividades institucionais, não é proposta desta pesquisa analisar os acertos e erros nas realizações institucionais, tendo em vista que são conquistas grupais, e não apenas de uma conscin, devendo então ser avaliados por todo o grupo conjuntamente.

A metodologia utilizada foi a investigação e análise das autovivências, além da correlação de traços de personalidade explicitados nestes experimentos. Será feito um recorte do período de voluntariado conscienciológico, de modo a se fazer um estudo teático dos aspectos intraconscienciais envolvidos.

Desenvolvimento

Sempre tive uma predileção pela atuação nos bastidores, bem no *estilo mineiro*, apesar de muitas vezes ser reconhecido enquanto líder pelos pares. Mas a autoexposição nunca foi meu forte, seja por vergonha, timidez, preocupação com a autoimagem ou por querer *ficar quieto no meu canto*.

O processo de autopesquisa nos impulsiona a buscar a melhoria contínua. E isso tem sido determinante para os enfrentamentos pessoais ao longo dos anos: identificar travões ou limitações que precisam ser superadas para poder disponibilizar as qualidades já conquistadas. “O autoaperfeiçoamento vem principalmente da tentativa de ajudar os outros” (atribuída a Sir John Templeton).

Neste processo de tentativas, os erros e acertos são naturais. Para mim, isso já é um exercício enorme: admitir a possibilidade de errar ou de estar errado, por mais que faça parte da experiência, é sempre um desafio. E admitir que isso é um desafio é outro desafio...

Entre conhecer a Conscienciologia em 1997 e iniciar o voluntariado conscienciológico em 2002, foram 5 anos de amadurecimento, melhor entendimento, mas também de postergação do que já entendia ser prioritário. Entre conhecer o *Campus* ARACÊ em 2005 e fixar residência proexogênica na futura Cognópolis em 2007, foram quase 2 anos de auto-organização e mais um pouco de postergação... De toda forma, o posicionamento pessoal foi fundamental em ambas situações para as reciclagens existenciais realizadas.

Em 2011, apresentei artigo no I Congresso de Empreendedorismo Evolutivo abordando o processo de desenvolvimento do autoepicentrismo em projetos maxiproexológicos, trazendo a rica experiência de morar no *Campus* ARACÊ, especialmente no período de coordenação dos 20 primeiros Encontros Cognópolis Pedra Azul entre 2008 e 2010 (FACURY, 2011).

A aceleração da história pessoal é evidente para mim mesmo e possivelmente para os compassageiros evolutivos mais próximos. E a assunção da autoliderança tem muita relação com este processo.

A autoexposição a partir da assunção da liderança é muito maior e as imaturidades, tráfes e tráfais pessoais ficam mais evidentes para todos. Não há escondimento. Tenho certeza de que hoje as pessoas conhecem muito mais estas minhas imaturidades. Por outro lado, os tráfes também ficam explícitos para todos: manter algum trafor ocioso torna-se um erro muito mais evidente e comprometedor.

Assim, para quem está, de fato, afim de ampliar a autoevolução, o laboratório da assunção da liderança e do autoepicentrismo torna-se rico para realização na prática das 4 etapas autoconsciencioterápicas: autoinvestigação-autodiagnóstico-autoenfrentamento-autossuperação.

Acertologia e Errologia

As ciências Acertologia e Errologia buscam esmiuçar a análise de acertos e erros pessoais de modo a servirem de elementos para a consolidação de tráfes e comportamentos homeostáticos e também a reciclagem e eliminação de tráfes, tráfais e patologias intraconscienciais evidenciadas nos erros, enganos e omissões deficitárias – a tríade da erronia.

Para melhor análise dos acertos e erros pessoais na atuação em liderança, considerei aspectos e abordagens interconscienciais, observando as relações pessoais com as demais consciências, e aspectos e abordagens contextuais, avaliando as reações em determinados contextos vivenciados.

Vale salientar a relevância de tal estudo: “Há tráfes mais superficiais e outros mais profundos, uns fazem mal somente à pessoa e outros também para quem lida com tal personalidade” (VIEIRA, 2014, p. 79).

Abordar os erros e imaturidades de modo proativo e traforista, visando a autossuperação imediata ou em momento possível, facilita a interação com equipe de amparadores extrafísicos interessados na nossa autoevolução fomentadora dos acertos grupocármicos prioritários.

Por outro lado, encarar tais aspectos com lástima, queixa ou autovitimização não propicia o autoenfrentamento e autossuperação, mantendo-nos na condição patológica e dando munição aos

credores grupocármicos e assediadores extrafísicos. O pior disso, é que muitas vezes ainda é comum a conscin optar por manter-se nesta condição de auto e heteroassédio.

Neste exercício de autoavaliação, é natural a balança às vezes pender mais para um lado ou outro, o que já é também dado autoconscienciométrico do olhar de pesquisador para as experiências, inclusive com a autocrítica quanto à real intenção de se carregar mais para determinado aspecto.

Assim, evidenciar mais os erros, pode ter a intenção de se buscar elogios e autoafirmação, enquanto o foco mais nos acertos pode trazer a vontade de se manter a autoimagem. O ideal é a condição de análise ponderada para cada aspecto abordado, com a real intenção de eliminação dos erros já desnecessários.

Caso o leitor observe intenções espúrias neste texto, ou ainda omissões de quaisquer natureza, deixo aqui registrada a solicitação para a explicitação assistencial direta, com agradecimentos antecipados.

Busquei trazer uma abordagem com contrapontos, apresentando sempre os erros e acertos, mas fazendo a ponderação do que já caminhei nos erros cometidos e do que ainda precisa ser melhorado nos acertos observados. Deste modo, erros e acertos foram mesclados ao longo do texto, priorizando o encadeamento temático e, em certos casos, cronológico.

Acertos e Erros no Exercício da Liderança

Há um erro que ficou mais evidenciado posteriormente, especialmente ao desenvolver esta pesquisa: a pouca quantidade de registros das muitas experiências autovivenciadas, dificultando a compreensão mais clara do processo. Por outro lado, o autor aproveitou-se muito da participação enquanto integrante da equipe do Laboratório *Serenarium* nas atividades da Técnica do Autovivenciograma realizadas com o Serenauta, nas quais diversas autovivências foram analisadas de modo mais sistematizado, ampliando a autocompreensão das experiências vividas, conforme apresentado no artigo “Autovivenciograma na Imersão do Laboratório *Serenarium*: Reflexões Interassistenciais” (FACURY, 2014, p. 36 a 42).

No processo de assunção da liderança, identifiquei, logo de início, crenças irracionais ou distorções cognitivas relacionadas a possíveis erros que poderia vir a cometer, entre elas: receio de fazer tudo errado e comprometer todo o trabalho já existente ou ainda não ter competência suficiente para “dar conta do recado”. Tais ocorrências até poderiam se tornar reais. No entanto, considerando nosso laboratório prático de autoexperimentação liderológica e de trabalho grupal, foi importante – e autodesassediante – entender que a responsabilidade dos empreendimentos grupais era de todos os envolvidos, não só de quem estava se dispondo a assumir a linha de frente do trabalho. Segundo Kellerman (2012), quando os líderes erram, os liderados devem ser depostos. Neste sentido, queiramos ou não, todos somos líderes e estamos em condições de avançar no exercício prático da coliderança evolutiva pela vivência do binômio líder-líder.

Sempre fiquei firme no propósito de manter a intencionalidade sadia, mesmo que possa ter cometido deslizes neste aspecto, especialmente na dissimulação de reais intenções. No entanto, o amparo de função observado em razão da intencionalidade sadia vem auxiliando na condução de atividades e nas interações interconscienciais, qualificando a cosmovisão e a capacidade interassistencial.

Talvez o principal acerto foi o de não querer copiar um modelo de liderança, mas sim assumir naturalmente a própria singularidade na atuação pessoal, mantendo-me atento para não incorrer em erros passados – próprios e de outrem. Neste sentido, o trabalho de integração – tanto dentro da IC, quanto junto à CCCI – foi aspecto relevante na condução das atividades, pautado nas dicas do Professor Waldo Vieira quanto às prioridades na gestão institucional: “harmonização e convergência de esforços”.

Aspecto recorrente em pessoas que têm perfil de liderança, mas preferem não assumir tal condição, é o medo de repetir erros do passado, inclusive de retrovidas, paralisando-se chantageada, perdendo a

oportunidade de reescrever sua história e retratar-se pelos equívocos cometidos. Tal condição funcionou ao modo de alerta de segurança e talvez tenha sido um dos grandes ganhos evolutivos alcançados: conseguir desempenhar o papel de liderança mais servidora, menos autocrática, mesmo ainda mantendo por vezes um perfil impositivo. Para isso, procurei evitar quaisquer decisões monocráticas nas questões grupais, promovendo debates abertos para os encaminhamentos das demandas institucionais.

Um dos gargalos que ainda observo até hoje está relacionado à escuta terapêutica e empatia. Era mais recorrente dar *feedbacks* de modo bastante equivocado que geravam mais problemas do que ajudavam a outra conscin. Por outro lado, também foi possível notar o quanto a assunção da autoliderança possibilitou-me caminhar nestes aspectos, especialmente quanto a qualificar a postura assistencial. Mesmo sabendo que ainda há muito o que superar, trabalhar em equipe exigiu o movimento acolhedor mais explícito em direção às outras consciências: “A responsabilidade de cada um é estender o olhar para aqueles que não estão conseguindo desempenhar seus papéis e ajudá-los” (PRATA & FACURY, 2006, p. 83).

Outra postura muito séria que busquei manter foi a evitação da manipulação interconsciencial, sendo inclusive quesito do meu Código Pessoal de Cosmoética (CPC): não manipular, nem me permitir ser manipulado por outras consciências. Apesar disso, lembro-me de ter caído nesta condição, mesmo com aparente boa vontade. Posteriormente, ao avaliar a situação, me percebi tendo feito isso, gerando desconforto para a outra pessoa. Desde então, fiquei mais atento às minhas abordagens. Não avaliar o peso para o outro de meus posicionamentos ou falas, gerou comportamentos alheios diversos do que desejava e muitas vezes não aceitos pelo outro. Mesmo que fosse apenas uma sugestão ou dica, por vezes era identificado como uma ordem ou determinação feita por mim.

Com o tempo, fui verificando até mesmo a necessidade de recolhimento das energias em diversas situações, de modo a não intimidar os demais. Este é um exercício contínuo na construção da condição de conforto presencial, natural para os serenões.

Observei também a condição de alimentar nos demais uma visão equivocada de que poderia ajudá-los em todas as circunstâncias no contexto do voluntariado. Apesar da disponibilidade pessoal, houve situações de inter-relações em que me vi desqualificado para auxiliar no encaminhamento por compreender que tal desenlace demandaria abordagens que ainda não tinha competência para fazer, inclusive por fugir do escopo das atividades desenvolvidas. De toda forma, isso gerou cobranças com as quais tive que lidar.

Ocorreu também em certas situações de me vitimizar das omissões ou das incompreensões de parceiros evolutivos com quem contava para estarem ombro a ombro no *front* assistencial dos trabalhos assumidos. Observei que tal reação acontecia quando estava mais fragilizado, levando estas atitudes para o lado emocional, gerando até mesmo indignação com os colegas. Ao superar o emocionalismo, era possível lidar de modo mais equilibrado, compreender o cenário e a condição do colega para o melhor encaminhamento.

Quando falamos na atuação em grupo, é importante a profilaxia de equívocos evitáveis, de modo a não serem elementos desagregadores e geradores de entropia. Identifiquei a dificuldade para conseguir manter todos atualizados dos encaminhamentos institucionais por alguma falha pessoal na comunicação, mesmo com todo o esforço empenhado nisso, seja o esquecimento ao avisar alguém de uma reunião, seja a falta de alguma informação, gerando desgaste desnecessário e comprometimento de algum trabalho mais sério.

Outro traço observado muitas vezes é o da teimosia e de querer ter razão, gerando conflitos desnecessários e desgastantes, muitas vezes em questões secundárias e até irrelevantes, numa clara demonstração de disputa de poder. O ato de não me atentar a tempo para a entropia gerada, por mim ou por outrem, por vezes levou a discussões inúteis e reuniões frustrantes.

Observei, e ainda observo, a dificuldade de voltar atrás em algum posicionamento ou encaminhamento, admitindo o erro ou engano. É interessante, pois isso acontece mais nos contextos gerais do que nas inter-

relações, nas quais não sinto dificuldade em, p.ex., pedir desculpas e retificar algum erro de qualquer natureza, de modo a evitar que meu erro comprometa a atuação proexológica de algum parceiro evolutivo.

Conviver e desenvolver trabalho em conjunto com consciências diversificadas me auxiliou a aprender a lidar melhor com as divergências, com outras formas de pensar e outros pontos de vista acerca dos mais variados assuntos, ampliando inclusive minha capacidade cognitiva.

Outro aspecto cognitivo desenvolvido e que talvez seja um dos traços mais marcantes que precisou ser reciclado foi o de conscin *miserê*: para compor uma equipe que está à frente de um megaempreendimento grupal do porte de uma Cognópolis é essencial pensar grande, fazer o exercício de ser conscin *large*, mantendo o foco no público a ser assistido, de modo a não incorrer no erro da megalomania. Obviamente, tal condição ainda não é da natureza íntima, mas já está mais evidente na autopenalização cotidiana.

Abordando também aspectos multidimensionais, observei recorrentes vezes durante a tenepes a ocorrência de intuições e *insights* acerca de situações, projetos e consciências. A protelação ou até desconsideração de tais sugestões, seja pelo trabalho que daria, seja por negligência ou esquecimento – todas condições de erro –, por vezes gerou problemas corriqueiros evitáveis. Nas vezes em que refletia acerca do assunto e conduzia o encaminhamento sugerido, a tendência era de melhores resultados.

Um erro comum, e que cometi por diversas vezes até entender melhor como lidar com a situação, foi a personificação de determinadas questões. Quando conseguimos despersonalizar queixas ou embates trazidos por alguém em determinados contextos, especialmente em reuniões ou atividades grupais, conseguimos compreender melhor o extrafísico a ser esclarecido, possibilitando maior assertividade nas ponderações. Tais erros podem estar associados à subestimação do autoparapsiquismo e da condição de tenepessista minipeça do processo interassistencial.

Em dado momento da gestão institucional, solicitei um *feedback* aos pares quanto a algumas posturas minhas que pudessem estar dificultando os encaminhamentos da equipe. Na ocasião, optei por deixar os colegas debaterem sem a minha presença e de minha duplista. Ao final, trouxeram a questão da minha centralização de tarefas. Verifiquei que a proposição de tal exercício foi muito interessante para todos nós. No entanto, durante a devolutiva, observei outro aspecto pessoal: a necessidade de justificar tal postura. Isso demonstrou minha incapacidade, naquele momento, de apenas ouvir o *feedback* e trabalhar intimamente com aquilo, independente do quanto fosse fato ou não. Por outro lado, posteriormente, consegui refletir acerca da devolutiva, de modo a fazer os ajustes possíveis e necessários. A reatividade frente às críticas é muitas vezes em decorrência de me sentir cobrado por algo ainda incompreendido.

A autoexposição nos expõe às críticas. Por mais desconfortável que pareça, isso é o melhor que pode nos acontecer, pois nos dá elementos para identificar as recins prioritárias, especialmente quando estamos abertos a isso. A reatividade e refratariedade aos *feedbacks* tornam nosso processo evolutivo mais lento. É importante, neste contexto, não ser ingênuo e ter autoestima sadia para que tais devolutivas não sejam avassaladoras, não nos levem à autovitimização. Penso que consegui ter autocritica para identificar o que era imaturidade pessoal a ser trabalhada – agora ou futuramente – e o que era crítica infundada, ataque gratuito ou até mesmo cobrança deslocada de questões mal resolvidas da própria conscin crítica.

Um risco possível – e também autovivenciado – é de entrar na arrogância e superioridade, traços muito comuns entre os líderes. Ao considerar que as críticas são apenas decorrentes das limitações dos outros, julga-se estar acima dos demais, não sendo necessário levar em consideração tais devolutivas.

Entendo que a autoavaliação conscienciométrica seja a melhor vacina para minimizar a reatividade frente às heterocríticas: uma vez que tenho clareza dos trafores, trafares e trafais pessoais, tiro a munição assediadora e consigo lidar com as imaturidades explicitadas, complementando, até com bom humor, a lista de trafores e trafais apresentadas pelos outros com aquela já identificada na autopesquisa. E toda

contribuição acrescida será muito bem-vinda. É também profilaxia para a arrogância, uma vez que evidencia as limitações ainda existentes. Neste sentido, a autolocalização na escala evolutiva das consciências já demonstra o quão distantes ainda estamos da condição ótima para esta etapa evolutiva: ainda há muito que caminhar – apesar de em algumas situações julgarmos já estar no ápice.

Você tem clareza dos erros e acertos cometidos no dia de ontem? E no mês passado? E no último ano? E na última década? Quais deles você vem repetindo costumeiramente? Mais os acertos ou mais os erros? De modo consciente ou inconsciente? Por que razão?

Considerações Finais

A partir do estudo feito, observamos que, da mesma forma que nossos acertos geram repercussões positivas para outras consciências, melhorando nossa ficha evolutiva pessoal, nossos erros, inclusive omissões deficitárias e aqueles ainda ignorados, também afetam outras consciências, causando, muitas vezes, prejuízos evolutivos aos envolvidos.

Neste sentido, vale registrar aqui o pedido de retratação e perdão, especialmente às consciências que sofreram alguma consequência em função das minhas imaturidades – passadas, atuais e futuras – de modo a ampliarmos a intercompreensão de que tudo isso ainda faz parte do nosso processo evolutivo, sem querer, de modo algum, isentar-me de tais responsabilidades, mas já acenando para a busca da recomposição e libertação grupocármicas.

O reconhecimento de nossos acertos por parte dos compassageiros evolutivos nos auxiliam na consolidação da autoconfiança, mas não dá para ficar apenas desejando aplausos e enaltação, o que pode acabar por inflar o ego. Não é desvalorizar o reconhecimento e elogios, e valorizar apenas as críticas, mas sim saber que nestes experimentos há acertos e erros – e lidar com tranquilidade e leveza com tal realidade.

Este é um estudo contínuo, considerando que os acertos e erros, e especialmente os autoenganos, permanecem ocorrendo. A atuação contínua em grupo transparente e aberto às trocas e *feedbacks* é um facilitador da aceleração da história pessoal e grupal.

Registro aqui a minha gratidão eterna aos meus amigos evolutivos que têm me acompanhado nesta jornada de reciclagens contínuas, em especial à minha duplista pela convivência e parceria incondicionais, e minha mãe pelo exemplarismo didático. Cada um ao seu modo contribuiu para que eu pudesse me qualificar e buscar também oferecer minhas melhores contribuições possíveis nas inter-relações grupais.

Reitero ao leitor a sugestão de aproveitar as oportunidades de assunção do autoepicentrismo, especialmente no ambiente de voluntariado, de modo a vivenciar a experiência deste laboratório com a leveza e condição de semperaprendente necessárias aos autoenfrentamentos advindos das crises evolutivas frente aos acertos e erros vindouros.

Referências

1. Facury, Marco A. R.; Autovivenciograma na Imersão do Laboratório *Serenarium*: Reflexões Interassistenciais; Revista CAP; 2014, p. 36 a 42.
2. Facury, Marco A. R.; **Empreendedorismo Conscencial: o Desenvolvimento do Epicentrismo da Conscin Cognopolita**; Anais do I Congresso Internacional de Empreendedorismo Evolutivo; Journal of Conscientiology – Supplement; vol. 15; n. 54-s; Ed. IAC; 2011.
3. Hunter, James C.; **Como se Tornar um Líder Servidor**; Ed. Sextante; 2006.
4. Kellerman, Barbara; **O Fim da Liderança**; Ed. Campus; 2012.
5. Nascimento, Alessandra; **Binômio Autoimperdoador-Heteroperdoador**; in Enciclopédia da Conscientologia; Vieira, W. (Org.); 2019.
6. Prata, Mônica; Facury, Marco A. R.; **Posicionamento Assistencial da Atuação em Grupo**; I Jornada da Intrafisiologia; Revista CAP; 2006; p. 83.
7. Vieira, Waldo; **Dicionário de Argumentos da Conscientologia**; 2014, p. 79, verbete Acertologia.
8. Debate: A Errologia do Líder, com o Prof. Everaldo Bergonzini, canal de Liderare no Youtube